

Faça a guerra contra a filosofia da guerra | Carta semanal 45 (2020)



Kyōichi Sawada (Japan), uma mãe e seu filho atravessam um rio para fugir de bombardeio dos EUA no Vietnã, 1965.

Queridos amigos e amigas,

Saudações do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social**.

Em meados de outubro, o Fundo Monetário Internacional (FMI) divulgou o **Relatório de Perspectivas da Economia Mundial**, que oferece dados vertiginosos. Para 2020, o FMI estima que o Produto Interno Bruto (PIB) global diminua 4,4%, enquanto em 2021 deverá aumentar 5,2%. Estagnação e declínio definirão a

atividade econômica tanto na Europa quanto na América do Norte, bem como em grandes Estados como Brasil e Índia. Com uma segunda onda de infecções por coronavírus na Europa e com a primeira onda não tendo sido controlada no Brasil, Índia e EUA, parece que essas estimativas do FMI podem cair ainda mais.

Enquanto isso, os dados da China são bastante surpreendentes. O país asiático será responsável pela maioria absoluta, isto é, 51%, do crescimento mundial. Com base nos números do FMI, os outros contribuintes para o crescimento mundial serão principalmente as economias asiáticas que têm fortes relações comerciais com a China, ou seja, Coréia do Sul, Indonésia, Filipinas, Vietnã e Malásia. Em 2020, a Comissão Nacional de Desenvolvimento e Reforma da China (NDRC, sigla em inglês) não definiu nenhuma meta de crescimento por conta do Grande Isolamento. No entanto, ao Comitê Central do Partido Comunista da China, o chefe da NDRC, **Ning Jizhe, disse** que as metas seriam estabelecidas para 2021, embora tenha reiterado que as perspectivas de crescimento não seriam apenas em relação ao PIB, mas “uma melhoria constante na qualidade”, o que significa redução da pobreza. Após a reunião, **Yu Xuejun, vice-chefe da Comissão Nacional de Saúde, disse** que as dez milhões de famílias que caíram na pobreza devido à crise gerada pelo coronavírus foram retiradas dessa condição.



Zarina Hashmi (Índia), *Srebrenica, do These Cities Blotted into Wilderness [Essas cidades destruídas pelo deserto]*, 2003.

Dadas os distúrbios ininterruptos causados pelo vírus e a incerteza sobre uma vacina, caberia aos países do mundo reduzir as tensões e expandir as colaborações. O intercâmbio de informações e de profissionais para frear a cadeia de transmissão – coordenado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) – melhoraria os sistemas de saúde pública sucateados. No entanto, é exatamente isso que os países mais impactados pelo

coronavírus – Brasil, Índia e Estados Unidos – se recusam a fazer (e é exatamente isso o que está sendo fomentado por Estados socialistas como China e Cuba).

Enquanto os EUA impulsionam uma agenda de “**nacionalismo vacinal**”, usando todos os meios possíveis para garantir uma vacina para seus residentes sem levar em conta o resto da população mundial ou o desprezo do vírus pelas fronteiras, China e Cuba pedem uma “vacina popular”. Essa abordagem, que coloca a saúde pública antes do lucro, defende que todos aqueles que buscam uma vacina juntem suas patentes e compartilhem a tecnologia relacionada à Covid-19. A China agora se juntou formalmente à **colaboração Covax**, uma plataforma organizada pela OMS e outros que irá “apoiar a pesquisa, desenvolvimento e fabricação de uma ampla gama de vacinas candidatas contra a Covid-19”. A plataforma inclui 184 países, mas não as principais potências capitalistas. Em uma coletiva de imprensa, **Zhao Lijian disse**: “com quatro vacinas candidatas entrando em testes clínicos de fase 3, a China é autossuficiente na produção de vacinas. Ainda assim, a China decidiu ingressar na Covax. O objetivo é promover a distribuição equitativa de vacinas por meio de ações concretas, garantir o fornecimento nos países em desenvolvimento e motivar os países mais capazes a aderir e apoiar a Covax”.

Enquanto isso, à medida que essas iniciativas internacionais se desenvolvem, os EUA fazem um esforço em todo o mundo para diminuir o papel da China, mas não oferecem nada de produtivo em seu lugar. Na América do Sul, os EUA desenvolveram um programa denominado **Growth in the Americas (ou América Cresce)**, cujo objetivo é atrair financiamento do setor privado dos EUA para impedir os investimentos públicos chineses. Na África e na Ásia, os EUA desenvolveram a **Millennium Challenge Corporation** para fornecer fundos modestos em desafio à **Iniciativa do Cinturão e Rota**, da China. Além desses veículos de investimento, os Estados Unidos intensificaram sua aliança militar com a Austrália, Índia e Japão, conhecida como Diálogo Quadrilateral sobre Segurança (“**o Quad**”).

Índia e EUA assinaram recentemente um **Acordo Básico de Intercâmbio e Cooperação (Beca, sigla em inglês)**, quando secretários de Estado (Pompeo) e de Defesa (Esper) dos EUA visitaram a Índia em outubro. Para entender melhor o contexto deste acordo significativo, o Instituto Tricontinental de Pesquisa Social falou com Prakash Karat, membro do comitê executivo do Partido Comunista da Índia (Marxista) e autor de *Subordinate Ally: The Nuclear Deal and India-US Strategic Relations* [Aliado Subordinado: o acordo nuclear e as relações estratégicas Índia-EUA] (**LeftWord Books**, 2007).



Tricontinental: O ministro das Relações Exteriores da Índia, Dr. S. Jaishankar, diz que seu país não faz parte do “sistema de alianças” dos EUA, mas com a assinatura do Beca parece que essa hesitação acabou. A Índia está agora totalmente em aliança com os EUA contra a China?

Prakash Karat: A formação de uma aliança militar entre EUA e Índia está ocorrendo há muito tempo. O que estamos testemunhando é o desdobramento do acordo de defesa assinado em 2005 pelo então governo da Aliança Progressista Unida (United Progressive Alliance – UPA). Esse acordo foi renovado dez anos depois pelo governo Modi, em 2015. A institucionalização de vários aspectos desse acordo foi agora concluída com a assinatura do Beca. Após a posse do governo Modi, o processo foi acelerado. O Contrato de Fornecimento

Logístico foi assinado em 2016, o que foi um ponto de inflexão. Pela primeira vez, a Índia concordou em hospedar as forças armadas de um país estrangeiro em nossos portos e bases aéreas para fins de abastecimento, reparos e manutenção. É como os Acordos de Aquisição e Serviços Cruzados que os EUA têm com seus aliados da Otan. Em seguida, veio o Acordo de Compatibilidade e Segurança de Comunicações (Comcasa, sigla em inglês) para manter a confidencialidade dos equipamentos de comunicação estadunidenses fornecidos à Índia e agora o acordo de cooperação geoespacial. Todos esses acordos ditos fundamentais interligam as forças armadas indianas com as forças armadas dos EUA. O acordo também prevê uma operação conjunta em países terceiros. Se esta não é uma aliança militar, o que é? O ministro das Relações Exteriores mente para construir a ficção de que a Índia não faz parte de nenhum sistema de alianças.

Os jogos de guerra que estão sendo planejados trazem todos os membros do Quad. Isso é especialmente significativo?

O Fórum Quadrilateral foi concebido pela primeira vez em 2007, formado por Japão, Austrália, EUA e Índia. Mas não pode decolar por vários motivos. A China se opôs a tal plataforma anti-China. A Austrália, após a posse do governo trabalhista, recuou. Mas antes disso, houve exercícios navais conjuntos entre os quatro membros do Quad e Cingapura, na baía de Bengala.

Em 2017, o Quad foi revivido como parte da estratégia Indo-Pacífico da administração Trump. Na época de Obama, chamava-se estratégia da Ásia-Pacífico. Com o crescente confronto entre EUA e China, o Quad assumiu um formato militar. Os exercícios de Malabar foram, durante três décadas, exercícios navais conjuntos anuais entre as marinhas dos EUA e da Índia. Os partidos de esquerda se opuseram a eles desde o início. Agora, sob a direção dos Estados Unidos, ele se expandiu: primeiro para exercícios trilaterais, incluindo o Japão, e este ano (a partir de 3 de novembro), uniu quatro nações, agregando a Austrália.

O significado do Quad é que ele mostra que a Índia se tornou um aliado militar dos EUA, como seus aliados tradicionais, Japão e Austrália. Isso é um sucesso para o plano de três décadas do Pentágono de alistar a Índia como um aliado estratégico na Ásia, com o objetivo de conter a China.

Tricontinental: É uma boa ideia a Índia antagonizar com a China apenas por motivos econômicos? A Índia não deveria buscar o diálogo e maiores laços comerciais com a China, em vez de buscar uma situação de guerra, sobretudo porque o PIB da Índia também deve diminuir ainda mais?

No período pós-pandemia, a Índia terá que expandir suas relações econômicas e comerciais com a China para ajudar sua recuperação e crescimento. Visto que a economia chinesa, e isso é um fato, será um fator importante na recuperação econômica global, é uma cegueira extrema pensar em restringir os investimentos e o comércio com a China. Algumas restrições já foram postas em prática. De acordo com o ministro da Economia indiano, em alguns setores a produção se recuperou, como na siderurgia, por conta das demandas de exportação da China.

Seria do interesse da Índia resolver a questão da fronteira Índia-China por meio de conversas de alto escalão e não deixar que isso afete outras esferas de nossas relações. Mas o governo e o Partido Bharatiya Janata [o partido no poder] estão ideologicamente cegos.



K. G. Subrahmanyam (Índia), *The City is Not for Burning [A cidade não é pra queimar]*, 1993.

Em 1965, quando a Índia e o Paquistão entraram em outra guerra, Sahir Ludhianvi, um dos grandes poetas urdu de sua geração, escreveu um poema chamado *Ai Sharif Insano* [O Nobel Souls]. Ele começa com um resumo de por que a guerra é tão atroz, pois, afinal, a guerra traz fogo, sangue, fome, carência e escassez. Que tal uma guerra contra o capitalismo, sugere Sahir, em vez de uma guerra que leva “o sangue dos humanos”?

*Jang sarmaaye ke tasallut se
Aman jamboor ki khushi ke liye
Jang jangon ke falsafe ke khilaaf
Aman pur-aman zindagi ke liye*

*Faça uma guerra contra as garras do capitalismo
Busque a paz para a felicidade do cidadão
Faça a guerra contra a filosofia da guerra
Busque a paz para uma vida pacífica.*

São palavras sábias para nossos tempos.

Cordialmente, Vijay.